

Entrevistado: Selma Schons

Entrevistadora e roteiro: Danila Barbosa de Castilho

Duração: 1 hora, 8 minutos e 10 segundos.

Local: Ponta Grossa-PR

Data:

Danila: Bom, então, eu gostaria que a senhora falasse um pouquinho da história da senhora.

Selma: A minha história? Ou a minha história em relação à JUFRA? Ou a minha história de como eu cheguei aqui?

Danila: Pode ser como a senhora chegou...

Selma: Eu sou natural do Rio Grande do Sul, do interior. Filha de agricultores. Filha mais velha de 10 irmãos. Então, a gente sempre tinha que cuidar dos mais novos. Acho que a minha liderança foi por ali. A mãe, na roça, dizia assim: “vocês escutem a irmã mais velha de vocês”. Vixe, Maria! Uma responsabilidade e tanto! Mas, até isso, me serviu para mais tarde, porque você acaba sendo muito cuidadosa, você aprende a conviver com crianças... Muito cedo... No interior, na roça, você começa a trabalhar muito cedo. A mim, me cabia muita coisa da cozinha. O que eu amei. Sempre gosto de cozinhar. Gosto de cuidar de casa. E comecei, muito cedo, a trabalhar fora, porque eu sempre dizia que eu queria ir para o colégio. Daí, os meus pais diziam: “não. Então, para você não ficar com muita saudade, você vai estudar longe, você pode trabalhar fora”. Eram as irmãs que davam aulas para a gente. Era um colégio formado pela comunidade. Na minha cidade tem várias comunidades. No Rio Grande do Sul... Eu estou contando isso, porque isso tem influência na frente, depois.

Danila: Uhum.

Selma: As comunidades mesmo constroem a sua igreja, constroem hospital, constroem o colégio, constroem o salão paroquial [no Rio Grande do Sul]. É a comunidade, é a sociedade que constrói. Inclusive, dando trabalho ou dando sacos de produto que colhiam. Então, muito cedo eu participei. Fui em aula de irmãs religiosas franciscanas. Era uma escola diferenciada do existia na região, embora fosse uma cidade bem pequena. Morávamos não tão longe, mas éramos agricultores. Esse trabalho... Talvez, essa visão de que a gente mesmo mantinha a comunidade, isso marcou a gente, de sempre fazer algo pelo comum. A gente fazia, participava desses trabalhos. Então, eu comecei a trabalhar, não tinha nem bem tinha 15 anos, como auxiliar de farmácia do hospital da cidade. Fiquei quase dois anos. Ia começar o ginásio. Era à noite e eles não queriam abrir exceção para quem trabalhasse no hospital e que fosse estudar à noite. Era o tempo, mais ou menos, integral que a gente tinha, que a gente ficava no hospital. Mas o meu pai falou assim: “se você quiser estudar, é preferível você estudar”. Eu falei: “que bom que ele já tinha essa visão”. Daí, eu voltei para começar o ginásio e acabou não começando. Mas a irmã lá de Carazinho falou assim: “não, nós temos uma escola – normal ginásial que chamava – que começa no meio do ano”. “Está bom”. Fui para Carazinho estudar. Era bem longe de casa. Fui em Carazinho e comecei o ginásio. Aí, como eu já tinha mais idade, já tinha 17 para 18, disseram: “você não precisa fazer os 4 anos. Você está indo bem no primeiro ano. Tem um lugar que faz em um ano, chama Madureza [curso de Educação de Jovens e Adultos da década de 1960], só que é em São Paulo. Imagina, eu: “está bom. Eu vou para São Paulo”. Em 1968, eu fui morar em São Paulo. Evidentemente, no colégio ainda. Mas a gente mesmo ajudava na secretaria e ia para a manutenção, tudo isso. Trabalhei também no próprio colégio, mas fui morar em São Paulo, em 1968. De forma que, em 1968, eu já sabia quando que a gente podia pegar o ônibus que passasse perto da Sé ou não, porque tinha muitas manifestações.

Inclusive, não precisava você ser universitário ou ser engajado politicamente. Se você andasse no... Se saísse de um lugar com livros debaixo do braço, era estudante. Assim, a gente também teve que fugir de polícia e de cães e se esconder.

Danila: Nossa...

Selma: Eu sei que eu fui me esconder primeiro... Era no Bazar 13 que se chamava. Era uma espécie de supermercado lá em São Paulo, que eu fugi, eu me escondi lá. Eu senti que o braço do policial é forte, mas eu corri mais. Naquela época, a gente corria bem. Eu já sei o que é correr de polícia e o que é se cuidar. 1968, para mim, é muito presente. São Paulo, na época, ainda não tinha metrô. Só tinha bonde e tinha ônibus muito lotados. Eu vivi numa cidade diferente, muito estranha. Foi uma experiência... E, talvez, isso me fez também andar pelo mundo sem muito medo. Sempre tive que me cuidar sozinha mesmo. Os meus pais estavam no Rio Grande do Sul cuidando dos meus irmãos. Daí, eu fiquei no colégio das irmãs franciscanas. Fiz noviciado, fiz miorato, um pouco... Aí, comecei na vida profissional, que a gente chama de profissional, ou seja, já pertencer a essa congregação. Em Luzerna, eu conheci a JUFRA. Nós tínhamos grupo de juventude franciscana, porque lá tinha padres franciscanos e irmãs franciscanas. Então, tínhamos esse apoio para criar. Conhecemos como poderíamos trabalhar com a juventude com essa visão franciscana. A gente tinha história do franciscanismo, a gente tinha tudo isso.

Danila: Ah, que legal...

Selma: Esse aspecto... Porque a gente estudava no colégio com as irmãs franciscanas. Então, tinha esse ensinamento do que seria a vida franciscana, do que seria o ideal de São Francisco e de Santa Clara muito apaixonante. E, daí, como eu ia sair, porque, na época, nós já tínhamos tido o Concílio da abertura [Vaticano II]. No noviciado eu aprendi que nós teríamos essa abertura toda. Estudávamos Boff e tudo isso.

Danila: Nossa...

Selma: Só que daí as instituições, no concreto, não respondem à isso. E essa foi uma certa decepção. “A, não é”... “Eu não escolhi para ficar assim muito regrada”. Aí eu falei: “eu acho que eu vou procurar outra coisa”. Procurei institutos seculares. Me falaram que aqui em Ponta Grossa estava começando um instituto que se chamava SEARA. Eu não conhecia muito não, mas como na época a Juventude Franciscana, a coordenação, veio para Ponta Grossa. Daí, em contato com os formadores da JUFRA na época, eram seminaristas aqui dos capuchinhos, eles falaram: “você não quer ir para Ponta Grossa?”. Eu falei: “nossa, outra cidade grande já”. Já tinha morado em São Paulo naquela época. Já tinha morado no Rio também.

Danila: Nossa... [risos]

Selma: Fiz estágio do noviciado. Fiz no Rio de Janeiro, em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Muito complicado socialmente. Muitas mortes na época já. Então, foram realidades que a gente viveu. No fim de 1973, eu estava terminando a escola normal que eu fiz em Joaçaba, Herval d'Oeste. Dava aulas também, simultaneamente, em Luzerna. Aí, eu vim para Ponta Grossa. Não tinha ainda a universidade. Aí, fui procurar trabalho. Aí, me deram um trabalho. O SOS começou naquela época e só me ofereceu um salário mínimo. Eu brinquei até, falei assim: “ganho menos que varredora”. Porque a varredora ainda ganhava insalubridade. “Mas vou pegar”. Seis meses depois que eu estava ganhando o meu salário. Daí perceberam que eu tinha um trabalho bom. Comecei com entrevistas. Visitei favelas. Na época, tinha quatro favelas aqui em Ponta Grossa só. Ali que eu comecei a descobrir que, além de professora, eu ia gostar muito de Serviço Social. Daí, fui fazer Serviço Social. Agora já fazem 40 anos que me formei. Gostei do curso, trabalhei com juventude aqui também. Na JUFRA, como a gente era da coordenação, não fui nodia-a-dia da participação dos grupos mais iniciantes, mas já

andava o Brasil e, depois, o Paraná treinando. Nesta época também nós fomos para Aracaju. Fizemos toda uma visita nacional. Então, a gente conheceu... Pertenci, alguns anos, à SEARA, mas depois também, como ele queriam oficializá-la... Claro, Roma também, como as exigências são maiores. Percebi que iam ficar muito semelhantes a congregações, aí eu falei: “não vou continuar”. Aí, eu me dediquei... Já sabia que um dia eu queria ser professora da universidade. Eu tinha me colocado esta meta. E continuei nessa luta. Depois, isso muito cedo me despertou para a questão da visão política, que a gente tem que ter uma visão política mais clara a favor do empobrecido, do excluído, porque tinha a escola Boff... Tudo isso eu tive né. Então, essa fundamentação me levou a participar também da Pasqualização, que era do tempo da JUFRA. Tinha na Igreja Metodista também, mas era basicamente da Igreja Católica. Tinha muitos religiosos, mas também muitos leigos. Eu participei anos também dessa... Era chamada de Pasqualização. Libertação Páscoa, não mais Pasqualização, que era uma certa instituição que congregava grupos de reflexão a nível nacional também. Daí, claro, este grupo também começou a perceber na época... Já estava começando a se pensar que não adiantava a gente pensar política, se não pensasse política partidária. Então, muito cedo, comecei a despertar para isso também. Claro, desembarquei depois na política partidária me filiando ao PT. Então, sou dos que começou a trabalhar essa questão. Então, a minha andança foi sempre no Brasil inteiro, América Latina, Chile, Argentina, Paraguai, Uruguai...

Danila: Nossa...

Selma: Tudo isso eu já... A gente participava na época... Eu quase fui para a Nicarágua colher café. Mas eu pensei: “acho que já não vou mais ter a energia que eu tinha quando era menina”. Acabei não indo. Essas lutas na América Latina e na Nicarágua, a gente tinha muito presente. Depois, a minha vida partidária, política partidária, e, paralelamente, sempre a minha vida também na universidade. A síntese foi um pouco por ali né.

Danila: Essas viagens que a senhora fez foi, na época, com o pessoal da Pascoalização ou não?

Selma: Da Pascoalização. Na JUFRA a gente ficou mais no Brasil e no Paraná. Mas neste da Pascoalização já ia mais amplamente. No partido também. Eu nunca fiquei só no Brasil. Então, a minha saída do Brasil não foi só quando eu fui parlamentar não. Já tinha sido antes. Inclusive, com cursos de Pascoalização na Argentina, no Uruguai, na Bolívia. Então, a gente...

Danila: Legal...

Selma: Porque eu, muito cedo, aprendi línguas. O espanhol. No curso de Serviço Social, na época, nosso pessoal [os brasileiros] não escrevia ainda [sobre a área], era bastante iniciante ainda o curso. Nós líamos livros em espanhol. O professor nem perguntava se a gente entendeu ou não.

Danila: [risos]

Selma: Então, a gente aprendeu muito cedo, meio no cacete, o espanhol. Agora, além desta língua, tem uma outra coisa. Eu não sabia falar português quando cheguei para a aula. Porque a minha origem é alemã. No interior [do Rio Grande do Sul], se falava alemão. Então, eu fui simultaneamente... Ou seja, tentar uma alfabetização ainda sem saber o português. A gente tinha que aprender simultaneamente as duas coisas [a falar e a escrever em português].

Danila: Nossa...

Selma: Por exemplo, eu tenho alguns sotaques ainda né.

Danila: É...

Selma: É uma coisa assim... Eu percebo... Eu descobri há muito pouco, ultimamente, que a minha estrutura linguística é do alemão, porque eu guardo mais facilmente sobrenomes. Alemão sempre pronuncia primeiro o sobrenome e depois o nome. Eu guardo mais facilmente o sobrenome e não o nome. É bem interessante. Eu percebi que isso vem ainda da estrutura linguística primeira, porque, na verdade, a minha língua materna não nem o português, é o alemão. Daí, eu aprendi depois que o alemão seria interessante culturalmente. Tanto assim que no doutorado eu fiz proficiência em alemão. Então, eu fui aprendendo muito cedo. Não sou versada, mas no português me safo razoavelmente, mesmo com sotaque. Mas o espanhol eu tive aprender também. Isso fez com que a gente se encorajasse a saber que as paredes do Brasil não paravam ali nas nossas costas. No Rio Grande do Sul também a gente tem muito mais essa visão voltada... Porque nós éramos quase vizinhos na divisão da Argentina, perto do Rio Uruguai. Então, a nossa relação com a Argentina não era ruim, não era desconhecida. Foi a experiência vivida que faz a gente perceber que o mundo é um pouco maior que isso. Eu não saberia viver sem hoje estar viajando, sem estar, de vez em quando, dando uma espiada de como é que as coisas estão fora. Lendo e percebendo. E chamar o pessoal para isso. Isso é muito importante. Sobretudo o nosso jovem, hoje ele tem mais facilidade. Já está mais atento à isso. Acho que até pelas redes sociais já percebeu que as divisas não são mais ali no nariz da gente, que o mundo é maior. Então, tem que estimular para gente ver isso. Até para a gente ser mais solidário com outros países que, às vezes, estão com problemas historicamente nesse período e no outro período é outro... É assim...

Danila: É mais uma curiosidade até... Como que foi a senhora estudar o Leonardo Boff e ter toda essa visão mais de esquerda num período tão complicado?

Selma: É porque nós éramos irmãs franciscanas. E eram irmãs franciscanas chamadas de Bonlanden. Era alemã a congregação delas, a sede era alemã. Elas eram, relativamente, um pouco mais abertas do que outras congregações. Então, isso já tinha. Como eram franciscanas, tinham muita ligação com Petrópolis e lá é o mundo da teologia da libertação: Boff, Libânio e todo esse povo ali que são grandes conhecidos. Hoje, parte deles já falecidos, mas que são ícones da filosofia e da teologia da libertação – não só no Brasil, mas na América Latina. Como a minha congregação, a ex que eu participei, tinham muita ligação com Petrópolis. Então, nós tínhamos aulas com esse pessoal na época. A minha mestra de noviciado fazia Teologia em São Paulo com eles, conhecia eles e foi trazendo para o tirocínio. Um pouco isso né.

Danila: Nossa, deve ter sido [muito bom]...

Isso foi assim... Por exemplo, aquilo de a igreja carisma nós tínhamos que estudar, fazia parte do tirocínio de estudo. Na época, acho que a gente entendia meio pouco daquilo.

Selma: Hoje, eu fico que a gente não tinha fundamentos para isso, mas foi muito importante. Tanto assim, que me marcou de forma que não me satisfazia também quando eu percebi que as congregações, no concreto, tem uns parâmetros institucionalizados que fecham, são sempre um limite.

Danila: Uhum. Entendi. E o que mais marcou a senhora nesse período da sua juventude?

Selma: De que você tem que estar construindo por conta, não adianta você depender muito. E que você pode mais se você também se encorajar de ir. Eu nunca lembro de ter dormido antes de meia noite. Levantava muito cedo. No colégio, eu procurava fazer que a minha cama fosse em um lugar perto da janela, para que, quando fosse dia, pudesse começar a ler. Sempre gostei de leitura. Então, isso também foi uma coisa muito importante. E da leitura, na juventude... Eu, na prática, aprendi a ler em alemão sozinha, porque o meu pai assinava uma revista, na época chamava Folha de São Paulo, e tinha

sempre uma história, porque, na época, não tinha novela... Eu estava curiosa para ler a história, às vezes, porque o pai não tinha tempo... Ou no fim de semana... E a gente queria ler o final para ver como acabava a história. Eu já estava alfabetizada e comecei a soletrar... Então, leitura também foi uma coisa muito importante, sempre eu busquei ler muito, sempre procurei estudar e eu nunca me contentei com menos de 9 e 9,5. Então, eu achava assim: tirar 9 já não era muito confiável. Então, sempre procurei ser muito caxias em estudar, mas também sempre fui muito da prática: comecei cedo a dar aulas e trabalhei em mil coisas diferentes – até aula particular de matemática eu já dei. Eu era bastante jovem nessa época. Minha juventude sempre foi marcada pela questão do não limite, do trabalho e do estudo – sempre estudo por conta. Tive que trabalhar por alguns anos para conseguir dinheiro para pagar outros cursos. Eu, sempre, nos fins de semana, participava de congressos ou de cursos. Ah, ficava esperando... Mesmo que eu trabalhava numa empresa que, às vezes, tinha cartão de ponto, eu fazia sempre o meu banco de horas para que nos fins de semana, quando tivesse um curso fora de Ponta Grossa, eu pudesse ir sem prejudicar. Sempre procurava fazer essa negociação. Então, eu acho que você dizer que é limite, porque você trabalha, porque você fica presa. Isto não procede. Que você só viaja quando tem dinheiro, não procede. Porque você pode viajar trabalhando também em alguma coisa. Então, eu sempre fui marcada assim. Meus pais também, muito cedo, diziam assim: “olha, você sabe que estudo nós não podemos dar, mas vocês podem buscar. Busquem o caminho de vocês”. Eles nunca puseram dificuldades neste sentido. Então, eu fui sempre muito... Procurei ser muito responsável por mim mesma. Não precisava os outros dizerem que eu tinha que ser responsável. Talvez, essa seja a marca de irmã mais velha também que tinha que cuidar sempre de outros.

Danila: Uhum... Sei bem como é [risos].

Selma: [risos]... Isso não quer dizer que outros não sejam, mas eu sempre fui. Nunca fui assim de que alguém me cuidasse ou que eu tivesse que não... Não. Eu sempre procurei responder à altura. Também me dava a liberdade de buscar meu próprio caminho, não sem sacrifício e sem dinheiro. Dinheiro nunca tinha para nada, mas a gente também nunca passou fome. Necessidade sim, fome não. Necessidade sim... Mas se é para comprar um livro ou uma blusa, eu preferia comprar o livro.

Danila: A senhora chegou a participar de um movimento, no período da ditadura, mais de resistência ou não?

Selma: Não, porque, na época, era mais quem já estava na universidade. Como eu era desse Madureza que era um grupo que você tinha que estudar doidamente. Imagina, em um ano fazer ginásio. E você fazia os exames eliminatórios: podia fazer três em São Paulo, outro tinha que ser em outro estado e o quinto em outro estado ainda. Eu fiz em São Paulo, em Alfenas que fica em Minas e outro em São Gonçalo no Rio de Janeiro para eliminar num ano só. Então, eu não tive... Naquela época, politicamente, a gente não tinha ainda essa visão. Foi despertando mais tarde, quando a gente tinha mais autonomia. Nessa época, eu ainda estava no colégio e no colégio a gente não tinha essa visão política. Eu participei dos Legionários, tanto assim que meu estágio legionário era no hospital das clínicas. Então, você pode perceber que não era, assim, tão fora da realidade. Eram esses movimentos que a gente participava... Quando criança, fui participar da Cruzada [Eucarística] que tinha. Tinha esse negócio assim. Sempre participei de algum movimento de jovem, tinha Filha de Maria, tinha esse negócio assim. Eu nunca deixei de participar de movimento. Nesses movimentos mais políticos de resistência, na minha juventude, não tive experiência. Na minha juventude mais nova né. Porque, na época, eu não estava ainda, politicamente, com essa percepção e ninguém tinha me despertado para isso. Eu sabia que não era esse o limite de tal forma que,

quando fui despertada pela Teologia da Libertação e estes movimentos mais assim, eu fui perceber um pouco o que na minha época era...

Danila: Dos focolares né...

Selma: Desde que conheci Francisco... Era mais apaixonada por São Francisco e por Santa Clara do que por esses outros, porque eram mais críticos. Me apaixonei por São Francisco... Era radical né. Esse era um modelo, assim, que bem mais respondia o que eu buscava.

Danila: O que mais chamou atenção nesse...

Selma: No São Francisco?

Danila: Nesse carisma...

Selma: Porque ele enfrentou o pai dele... Ele enfrentou... Ele tinha um pai que tinha toda a possibilidade... Ele dizia: “não! São os pobres que contam”. “Não precisa de muita coisa na vida. A gente pode ser mais livre”. Ser livre dos julgos, porque, se você tiver mais, também te prende. Então, é essa questão. Eu até, talvez, muito rapidamente, tivesse ido morar em lugares assim... Tanto assim, que eu sempre fui bem inserida em favelas e essas coisas, mas era... De São Francisco ainda tenho uma imagenzinha dele lá na minha grutinha. Ele é muito presente. É o que? É um ideal de vida bastante forte.

Danila: Uhum.

Selma: Não no sentido religionizado, mas no sentido de que foi um homem bastante livre. E também Clara... A história franciscana me marcou muito.

Danila: E tudo isso influenciou a senhora na...

Selma: Muito. Mesmo depois...

Danila: Na vida profissional...

Selma: Na vida profissional, na vida política... A política tem que ser para a inclusão das pessoas, não de quem já está ou para você galgar poderes. Poder eu sempre achei que eu tinha, porque nunca me faltou. Eu sempre procurei estar na ponta das coisas. Sempre sabia que não tinha poderes a partir de quem me protegesse ou que fosse financeiro. Mas nunca precisei disso. Hoje, tenho minha casa e minha aposentadoria suficiente como professora universitária. Então, essa parte... Então, como eu falei, sempre passei necessidade, queria ter um dinheirinho a mais para estudar mais e fazer outros cursos, mas eu sempre fazia. Mesmo que não tivesse [dinheiro], a gente fazia. A universidade em Ponta Grossa, naquela época, ainda era... Não era gratuita. Nós fizemos um contrato para ser pago depois. Quando chegou conta de dois anos depois de formado, para começar a pagar, daí entrou gratuidade. A gente não precisou pagar. Então, na verdade, a minha universidade já foi gratuita.

Danila: Ah, que bom né.

Selma: Foi bom. Claro, não foi tão gratuita, porque a gente tinha que comprar os livros. Teve tudo isso. Na época, ela [a universidade] não era ainda... Era pública, mas não era ainda... Você tinha que fazer aqueles contratos, quem não pudesse pagar. Como se fossem FIES, hoje. Depois de dois anos, ela se tornou gratuita...

Danila: A senhora me contou que conheceu a JUFRA em Luzerna...

Selma: Isso.

Danila: A JUFRA, nessa época, já estava organizada, já tinha estrutura...

Selma: Já estava, porque, na época, já existia... A coordenação acho que era na Bahia ou Santos. Eu lembro mais... Sei que era mais para cima. Em 1973... Fim de 1973, ela começa... O Frei Eurico traz ela para Ponta Grossa. Ela tinha assim... A coordenação era, um pouco, rotativa. Não era, assim, fixa. Em tantos anos ela mudava. Então, em Luzerna, ela já estava estruturada no Brasil. Não era, assim, tão estruturada. Depois, ela passou a ser mais estruturada, com escritos e tudo. Mas ela já tinha uma configuração nacional.

Danila: A senhora lembra em que época foi? Em 1970, 1980...

Selma: Em Luzerna, eu conheci JUFRA em 1971, 1972 e 1973. Em 1973, vim para cá. Então, todos esses anos, a gente coordenava grupos lá. A gente já tinha vários grupos de juventude, porque tinha uma facilidade. O vigário, lá da paróquia, era franciscano dos frades menores de Petrópolis. Não era dos franciscanos capuchinhos como aqui. Eram franciscanos de Petrópolis. Mas eles, todos eles, quando se tratava de São Francisco, todo mundo fechava. E tinha um seminário deles lá também, tinha paróquia e tinha as irmãs. Então, era uma comunidade franciscana que tinha todo esse incentivo. Não tinha grupos leigos franciscanos. E tinha vários filhos lá de Luzerna... Eu fiquei três anos lá em Santa Catarina. Tinham vários filhos da comunidade que eram padres franciscanos também. Então, tudo isso já compunha esse mundo.

Danila: Uhum... A JUFRA já estava organizada... A coordenação era... Geralmente, a gente vê nos livros da JUFRA que a coordenação era aqui em Ponta Grossa. Não se fala de...

Selma: É porque antes não se registravam muitos escritos. Quem começou a escrever e registrar mesmo foi o frei Eurico, que era de Ponta Grossa do Seminário aqui dos capuchinhos. Então, talvez isso faça falta, às vezes. E você, como historiadora, sabe disso, que é importante que se registre. Na época, não se tinha essa facilidade e todo esse tempo. Havia alguns com visões mais para frente que registravam. Quem começou a registrar, acho que... Eu só conheço registros a partir do [Frei Eurico]... Eu acho que ele recolheu alguns registros. Em Valongo [bairro da cidade de Santos]... Eu não lembro se foi na Bahia... Em Aracaju eu sei que tinham grupos fortes. Valongo em Santos, no Rio de Janeiro... Então, tinham grupos muito fortes nesses estados. Foi esses que a gente visitou, porque a gente foi até Aracaju e depois foi descendo e visitando esses grupos que tinham. E eles vinham depois fazer... Como aqui, depois, começou a ter a Casa do Caminho (que foi sede que a dona Cleia Campos propiciou), eles vinham muito fazer encontros aqui na Casa do Caminho. Então, acho que por isso que Ponta Grossa ficou muito forte. Quando fazia encontros em outros lugares, a gente sempre ia num colégio ou numa paróquia. Não tinha uma sede. Aqui era quase considerada uma sede, porque essa casa... Tanto assim que depois a Pascoalização fazia encontros aqui, a cibernética (mais tarde) que era outro grupo leigo. Nada com religião, mas tinha a ver. Também fazia lá [na Casa do Caminho]. A JUFRA fez muitos encontros lá, também fazia muitos encontros no seminário dos capuchinhos e na sede da SEARA que era na frente do convento [Bom Jesus em Ponta Grossa/PR].

Danila: Entendi. Como foi a experiência da senhora na JUFRA? O que marcou?

Selma: Eu fui muito... Com eu já era irmã religiosa, já tinha todo um tirocínio feito (noviciado, primeiros votos...), você já tem... Você já não fica mais nos grupos de base. Você já não é mais considerada tão jovem também. Já tinha também uns vinte e poucos anos. Então, eu fui mais da coordenação. Minha participação na JUFRA foi um pouco mais pela... O que a gente chama mais de não tanto fruitiva, mas já prestativa. Em Luzerna, eu era da coordenação dos grupos. Eu era responsável, junto com outras irmãs e os freis. A gente tinha vários grupos iniciantes. E, quando vim para Ponta Grossa... Daí, quando a gente fez essas visitas nacionais, a gente dava esses tirocínios que, normalmente, eram até fora de Ponta Grossa. Aqui eram, geralmente, os freis que ficavam mais no local. Aqui, os jovens já eram daqueles que também viajavam. Você fazia nos fins de semana. E como eu tinha sempre estudo e trabalho, participava desta parte nos fins de semana. Então, eu nunca participei do grupo de base aqui em Ponta Grossa. Eu conheço as pessoas que estavam e a gente se encontrava, é claro. Mas eu já não tinha mais essa [formação]... Porque não era mais considerada tão jovem e sempre participei mais como prestadora de trabalho do que fruitiva.

Danila: Uhum. Essas formações que a senhora fazia lá em Luzerna, quando a senhora era coordenadora, já eram os materiais de formação que o Frei Eurico escreveu?

Selma: Não. Na época, ele escrevia algumas apostilas, mas, normalmente, eu dizia assim: “a gente vai trabalhar sobre isso, isso e isso”. Tinha umas folhas que davam umas direções. Então, a gente tinha... Como a gente era também franciscana, então, a gente sempre procurava colocar essas coisas já. A juventude era caracterizada por essa questão da alegria, pelos encontros, encontros com outras comunidades. Porque a paróquia era a sede e depois você ia para as capelas da vila... A capela do Rio Doce... Em todos esses lugares você ia. A gente sempre ia nisso e procurava organizar outros grupos também, mas, sempre, a visão era... Como é que a gente chamaria? A ideologia era franciscana... Como a gente já tinha a formação franciscana, a gente não tinha dificuldade nesse sentido. Mas, na época, tinha poucas coisas escritas ainda (em 1971 e 1972), ao menos que a gente tivesse acesso. Quando fazia essa formação maior, aí que a gente chamava os freis franciscanos. Depois que a gente soube que aqui tinha esse seminário que também os meninos (a gente chamava de meninos) que iam assessorar, se os chamassem. Aí que eu conheci dois que eram daqui de Ponta Grossa, que era o Frei Frigo e o Frei... Esses dias falei o nome e não lembro mais agora... Dos dois que estavam juntos... Dois deles que foram dar assessoria, mas eles eram mais jovens que a gente e lá a gente tinha bom suporte com os freis. Então, a gente não precisava muito. Tanto assim que lá a gente já tinha essa autonomia, sabe? Sabia, mais ou menos, a linha por onde caminhar. E os freis [da Bom Jesus de Ponta Grossa?], alguns já tinham vindo nesses encontros [que se faziam dos jovens franciscanos de Luzerna]. O Frei Eurico não tinha ido lá não.

Danila: A senhora conheceu o Frei Eurico só aqui em Ponta Grossa?

Selma: Só aqui em Ponta Grossa.

Danila: Quais eram os temas dessas reuniões? Quem escolhia? Como eram montadas?

Selma: A gente tinha um roteiro que era, praticamente, a formação jovem católica ou cristã, no mínimo, de que se tinha que ter uma visão mais ampla da religião. Não era só pensar em catolicismo. Era pensar de forma mais ampla. Já tinha essa noção. São Francisco sempre fazia esse apelo. E a gente sabia que... “O que é a formação do jovem? A formação moral” – se falava. A formação do bom estudante, do jovem que já tem condições de começar a contribuir, do jovem que está preparando para o futuro, que espera do futuro, coisas assim... A formação do jovem mesmo. Tinha os tirocínios próprios, porque, na época, já tinha outros grupos jovens também que tinham os seus tirocínios. Mas, para a gente, o diferencial era essa visão franciscana de que você não precisa ter muito, de que você tem que dar um peso maior para o ser, de que você tem que contribuir na comunidade e de que você não pode ser só um parasita que usufrui, que o jovem tem que ter essa visão que vai ser um construtor para o futuro que não fica nessa dependência. Nem se falava, especificamente, de bebida e de droga, porque, na época, isso aí, felizmente, era mais fácil. Não se tinha isso aí tão grande.

Danila: Uhum. Como que, nessa época, era a relação da JUFRA com outros movimentos jovens da Igreja? A senhora comentou que chegou a participar da cruzada...

Selma: É... Na época, isso era... Cruzada era quando a gente era criança. Cruzada 1, 2, 3...

Danila: E depois...

Selma: Depois tinha Legionários... Nos Legionários, tinha adultos. Tem grupos em Ponta Grossa hoje. Você tinha reuniões semanais e depois tinha que fazer o que chamavam de inserção (vamos chamar assim hoje o nome, não me lembro mais o nome como chamavam) que significava os estágios. Por isso que eu falei que conheci o

Hospital das Clínicas e que a gente ia lá visitar pessoas doentes que não recebiam visitas. Essas coisas assim. Seria uma doação ou uma inserção prática. Eu sei que tinha grupos de vicentinos. Eu sei que tinha grupos... Os maristas, os irmãos também tinham grupos de jovens. Os lassalistas, que têm por vocação La Salle, tinham essa questão da formação da juventude. Existia isso... Como minha trajetória de formação era franciscana, eu fazia parte de uma comunidade franciscana. Eu sempre tive mais ligação com isso.

Danila: A senhora, então, não...

Selma: Não, porque eu participava de outros. Particpei mais dessa linha franciscana.

Danila: Mas a JUFRA, nessa época, também não se relacionava... Não seria, exatamente, isso...

Selma: É que nos grupos... Normalmente, era assim: tinha muita influência onde eram as paróquias e que tipos de padres que tinham. Se tivesse franciscanos, era a JUFRA. Então, era assim. La Salle, era lassalistas. Então, era um pouco isso né. As comunidades religiosas uniam muitos e faziam a formação da juventude também.

Danila: Ah, sim...

Selma: Isso é interessante. Hoje, às vezes, eu fico preocupada... Nós não temos mais muito forte isso. As igrejas não zelam mais muito pelo jovem, me parece. A não ser, assim, de uma forma muito conduzida. Então, eu, às vezes, fico preocupada, porque muitos jovens crescem sem nunca ter participado de um grupo.

Danila: É...

Selma: Faz falta, não é?

Danila: Faz.

Selma: Depois, quando você participa a vida inteira, sempre fazendo parte de um e de outro grupo... Eu não posso me imaginar não participando de um grupo. Então, por exemplo, era um passo para você ir para a política também. Faz falta hoje, o engajamento do jovem na política. Fico muito feliz quando falam assim... Por exemplo, das escolas [ocupadas pelos estudantes secundaristas do Paraná em 2016]. Foi uma grata surpresa dos jovens que começaram a se organizar. O jovem precisa disso e precisa ser estimulado. Eu sempre digo: ele é a alma fresca na sociedade, do entusiasmo, da alegria, de vamos para frente, vamos enfrentar, sem muitos medos, sem muitos... “E daí? O que faz?” O jovem não pensa muito nisso. Quando a gente vai começando a amadurecer, ou agora eu já envelhecer, você poder trocar ideias com jovens e perceber que o jovem tem vindo, dá um novo alento para a gente.

Danila: Com certeza. E a relação da JUFRA com a OFS? Como era? A senhora chegou a conhecer a OFS?

Selma: Sim. É isso que eu estou dizendo. A gente sempre teve... No Rio de Janeiro, nós tínhamos grupos da OFS muito fortes. Tanto assim que, quando a gente ia para o Rio de Janeiro trabalhar com a JUFRA, normalmente, a gente ficava nas casas deles. Mas era muito forte fora. Aqui, em Ponta Grossa, não chegou a ser forte, mas tinha grupos também. A gente sempre sabia que eles eram a ala adulta da gente né.

Danila: Ah sim...

Selma: E eles também sempre se organizaram. Claro! A formação deles, talvez, não estava acostumada tanto, mas eles eram já mais prestativos de serviços. Eles trabalhavam inseridos em comunidades, esses trabalhos assim que eles faziam. Mas aqui, em Ponta Grossa, não conheci tão forte na época. Hoje, eu acho que tem grupos mais ativos do que na época. Se bem que eles não são muito conhecidos.

Danila: É...

Selma: É. Se você for ver e perguntar na própria onde tem, nem sempre todo mundo sabe que tem.

Danila: Aham... A senhora sabe se, nesse período que a senhora participou, teve jovens que entraram na OFS depois que deixaram a JUFRA...

Selma: Sim, teve gente. Porque se entendia assim: quando eles casavam, normalmente, eles achavam que já não eram mais jovens. Daí, eles entravam [na OFS]... Isso trouxe uma ventilação maior, uma abertura maior, essa participação dos mais jovens que vinham, foram da JUFRA para a OFS. Teve muitos casos sim, aqui em Ponta Grossa mesmo.

Danila: Ah é... Uhum... Como foi... Como a senhora... Não sei se chegou a perceber, na época, se teve influência do Vaticano II na JUFRA...

Selma: Olha, eu não percebo muito isso não. Às vezes, era uma crítica que eu fazia, assim, num sentido mais velado, porque eu já tinha tido toda essa formação. Mas parece que não fazia muita falta não. Eles estavam, assim, focados em São Francisco, mas não fazia muito... Também tinha a ver com os papas que vem na época. Aí depois o Vaticano teve aquela abertura. Nós tínhamos, depois, esses outros que já não foram tanto assim... Nós tivemos até Ratzger que acho que foi o expoente mais alto de que... Ratzger (Nossa Senhora!), nessas modificações institucionalizadas, ele foi terrível para as aberturas. Por isso, eu acho que a melhor coisa que ele pôde fazer (e isso pode ficar gravado), acho que foi ele renunciar. Foi o melhor benefício que ele prestou à Igreja. Por isso, temos um Francisco aí, Bergoglio.

Danila: Eu cheguei a ver alguns livros da JUFRA que o Frei Eurico escreveu, assim, parece que num tom de justificativa da JUFRA em relação à OFS...

Selma: Em relação à?

Danila: À OFS...

Selma: Hum...

Danila: A senhora sabe se teve algum problema da OFS não reconhecer...

Selma: Sempre era questionado isso, porque a OFS, como eu te falei, ela não tinha essa vertente tão aberta. O jovem já exige, já busca as coisas mais abertas. Então, eu acho que eles sempre esperaram que a JUFRA fosse, assim, um pouco mais enquadrinha. E o jovem não se enquadra. “Que bom!” Então, sempre tinha um pouco isso. E ele [o Frei Eurico] tinha uma necessidade de... Frente à congregação e frente à igreja, tinha que justificar um pouco sempre esse trabalho, porque era questionado, porque não se pensava uma juventude mais aberta nesse sentido. Ele sempre pensou uma juventude um pouco mais aberta, mais livre. São Francisco era isso. Nem a roupa não queria. Ele [São Francisco] disse: “fique aí”.

Danila: Mais aberta em que sentido?

Selma: De mais livre. Que o jovem, realmente, pudesse ser jovem. O jovem quer isso. Só que ele precisa de orientações. Essas orientações são importantes, mas não justificam “bitolamentos”. E a igreja, às vezes, sabe disso. Se você deixar, ela bitola a gente. Todas elas. Todas as instituições, sejam sociais, políticas e religiosas. Se você deixar, com o tempo vem o bitolamento. E a gente tem que ter essa liberdade e essa força de agir. Você não vive sem instituições, mas não deixe que te restrinjam. Você tem sempre que manter a liberdade de novas buscas. Eu acho que cada fase da vida da gente são buscas novas. Hoje, eu não caberia mais na JUFRA. Não me vejo assim. Eu quase já não me vejo mais num partido. Acho que as coisas tem que ser mais amplas. Temos que impulsionar mais e abrir mais.

Danila: A senhora faz parte de algum movimento e de algum grupo hoje?

Selma: Hoje, só partidário. E ainda, assim, meio precariamente, porque sou muito crítica nas coisas que, sobretudo, o Brasil está vivendo hoje. Uma fase que exige muito. O grupo que mais, oficialmente, eu participo e contribuo também, financeiramente, é o Green Peace, que é da questão ambiental.

Danila: Depois que a senhora saiu da Pascoalização, a senhora não participou de mais nenhum movimento da Igreja?

Selma: Na Igreja... Movimento... Não.

Danila: Não...

Selma: Mas, simultaneamente... Não, já tinha saído da SEARA, já tinha deixado JUFRA, que já era outro... Depois, oficialmente, da Igreja, fui para a política também... E a Pascoalização também foi esmorecendo, porque muitos desses líderes foram, realmente, assumindo coisas mais à nível de inserções locais. Aí, já foi o MST que exigia, a política que exigia. Na Igreja, você sabe que, às vezes, tem dificuldade com isso. Igreja instituição, não as pessoas. Tem muitos corajosos. Tem muito mártir ali proclamado, mas que doou vida nesses anos todos para todos esses momentos e essa questão no Brasil crescer. Por isso, também um certo questionamento, um certo arrefecimento, por parte de alguns, porque a gente não pensou que, tão rapidamente, o Brasil voltasse à um retrocesso.

Danila: É verdade...

Selma: Temos que ver por onde vamos sair agora. Acho que é recomeçar com os valores que a gente cresceu com eles.

Danila: Sim.

Selma: Nunca abandonou, mas tem pessoas, que estiveram nesses grupos [da Igreja?], que abandonaram. Ou que entraram, talvez, sem esses valores.

Danila: É... Como foi esses trabalhos no período de implantação da JUFRA? A senhora contou que viajou para fazer... Como foi...

Selma: Sim. É que você tem que, normalmente, nas igrejas, seja católica, seja... Na época, tinha protestantes, tinha muitos que ele sempre tem um cuidado e um zelo de ter cuidado de formação dos jovens. Então, às vezes, eram convidados para formar esses grupos. Eram convidados para fazer... Teve paróquias inclusive que não eram franciscanas, mas queriam a JUFRA, porque queriam uma visão mais clara para acompanhar o jovem. Isso é bom. As igrejas prestaram esse bom serviço com o tempo. Continuam prestando. Eu acho que com menos força, talvez. Eu acho que, nesse sentido, às vezes, faz falta pessoas que deem essa direção. Tinha um pessoal de Foz... Como é que chamava esse pessoal... Eram uns italianos... O líder deles faleceu também. Com é que chamava esse movimento... Então, tinha muitos movimentos nesse sentido. E a gente era chamada... Os padres... As paróquias já tinham esses grupos [de jovens], mas queriam que a gente desse formação e eles, depois, continuavam. Por isso, a preocupação do Eurico de escrever muito essa questão de tirocínios. Ele escrevia palestras, escrevia não sei o que... Ele, normalmente, escrevia, como a gente chamava, “a sabor do vento”. Ele via na cabeça, sentava e pá, ele escrevia. Ele já tinha, mais ou menos, esse trajeto. E ele tinha a experiência. Ele já tinha dado essas palestras e depois ele só as escrevia.

Danila: Entendi.

Selma: E a gente preparava depois. Mesmo quando eu já tinha universidade, às vezes, ainda dava palestras. Você já agregava aquilo que a gente tinha aprendido. Por exemplo, boa condução de grupo. Por isso, que, às vezes, eu até questionava meus professores. Por que o nosso serviço social tinha grupo 1, grupo 2 e grupo 3. Na condução de grupo, eu dizia: “não, mas, na prática, a condução de grupo aqui não...” Já questionava, um pouco isso... Desde... Depois, a gente aproveitava o que tinha aprendido na universidade no grupo, e [o que tinha aprendido] no grupo na universidade.

Danila: Ah, legal.

Selma: É, porque tinha essa questão né. Cada um trazia também a sua experiência profissional.

Danila: Sim... Como foi trabalhar com o Frei Eurico?

Selma: Eu não era liberada nesse trabalho. Tinha pessoas que eram liberadas, que faziam parte da secretaria e de não sei o que. Ele era uma pessoa, assim, de uma visão muito ampla. Corajoso. Ele tinha dificuldades com a congregação, questionavam, porque nem sempre congregação estava em mãos mais abertas. O Vaticano, às vezes, perguntava: “como é que a congregação... Como é que é isso aqui... Como não sei o que... Vão formar, especialmente, a SEARA? Vão formar o que no instituto secular? Mas tem que registrar...” Aquelas coisas assim... Ele sempre teve uma certa preocupação em relação à isso. Então, por isso, ele sempre tinha isso. Mas, ele procurava passar isso para os estudantes também. Eu também fiz Filosofia como ouvinte ali com eles. Porque, na época, percebi que Filosofia fazia parte da formação da gente. Ele era uma pessoa, assim, muito alegre. Ele procurava... Por exemplo, alegria dele... Eu acho que o lazer que ele se permitia era o canto. Tínhamos um coral dos cantos folclóricos da Itália que ele tinha trazido, porque ele estudou em Roma uns anos. Mas também ele era uma pessoa, assim... Claro, a formação dele... Às vezes, ele fazia reunião e dizia assim... A gente fazia uma reunião e decidia alguma coisa, ele dizia: “não, mas eu repensei, acho que não é bem assim...” E a gente questionava isso. Dizia: “não, a gente pensava em grupo e a gente decidia em grupo”. Então, às vezes, a gente também tinha que [brigar]... Mas era o limite dele enquanto formação dele também. Mas ele era muito corajoso de enfrentar a igreja local. Na época, o nosso bispo não era dos mais abertos. Na província, ele sempre teve que mostrar que ele era um bom professor e que dava o melhor curso de Filosofia. Tanto assim que o curso de Filosofia, na época, era bem visto. Eles começavam Teologia... Aqui também, depois, já em Curitiba... Mas ele era, assim, uma pessoa simples. Ele passeava com as pessoas. Tinha grupo e tinha curso lá na Casa do Caminho, ele ia. Lá ele já tinha também o quarto dele. E ele sempre levava uma sacolada de livros. Sempre estava presente nas horas e reuniões. Ele ficava do começo ao fim. Depois ele ia estudar e escrevia ainda. Ele era, assim, muito... Trabalhava muito.

Danila: Uhum... E a senhora sabe o que ele estudou e quais as influências que estes estudos tiveram nos livros que ele escreveu para a JUFRA?

Selma: Olha, dessa parte da formação dele, eu só sei que ele fez teologia em Roma. Ele ia, de vez em quando, para lá. Acho que ele continuava a formação dele. Mas não sei em que ele se especializava. Era mais em teologia. Tinha especializações. Filosofia não era [a especialidade dele]... Ele era mais professor das áreas teológicas. Ele era... Na época, os estudantes de destaque iam para Roma. Então, eu sei, por conta disso, que ele deve ter sido estudante de destaque. Foi fazer teologia em Roma, porque eles mandavam os melhores.

Danila: E a senhora sabe se ele conheceu a JUFRA lá e trouxe para cá?

Selma: Essa parte eu não sei.

Danila: Não... Porque eu vi que a JUFRA existe em vários países.

Selma: Essa parte eu não sei, porque acho que tinha muito pouca coisa escrita, na época. Como, depois, eu já estava muito dedicada a... Estava fazendo o meu curso e estava me formando profissionalmente. Então, depois, também fui começar a... E também a gente tinha que cuidar da formação da gente.

Danila: Uhum.

Selma: Eu estudava de manhã e de tarde. Fazia estágio e trabalhava. Nem sei como a gente dava conta de tudo isso.

Danila: Eu já ouvi algumas pessoas... A Maria de Paula e o professor Edson comentaram que, no material da JUFRA de formação, tem uma influência do Antonio Rubbo Miller, da teoria dele da organização. A senhora conhece? Sabe como...

Selma: Ah, o Rubbo Miller... Ele [Frei Eurico], acho que tinha uma influência. Ele falava muito disso. Mas acho também que foi temporário só. Ele buscava muitas coisas de vários e catava aquilo que achava que fosse bom. Ele parece que tinha um pouco disso, assim, de buscar várias coisas. É... Rubbo Miller, ele falava. Acho que ele tinha mesmo...

Danila: Uhum... A senhora, então, não...

Selma: Essa parte da formação dele, eu já não... Depois, também aqui eu já não... Como eu nunca fui liberada para participar dessa parte da secretaria, eu não tive muita influência e nem muita preocupação nisso, porque também já comecei a fazer a própria universidade e eu procurei fazer, realmente, uma boa [formação acadêmica]... Procurei estudar o máximo podia na universidade. Eu, para mim, já tinha, na época, que um dia eu iria ser professora na universidade. Tanto assim que minhas colegas iam trabalhar fora e ganhavam o dobro do que a gente ganhava aqui em Ponta Grossa. Eu lembro... “Mas eu vou ficar aqui em Ponta Grossa. Fica mais perto da fonte”.

Danila: A senhora sabe se, depois da JUFRA, alguns colega continuaram, assim, essa caminhada dentro de outras instituições religiosas ou deixaram...

Selma: Alguns até foram para os vicentinos, porque os vicentinos tem um trabalho prático muito intenso.

Danila: Sim. Uhum.

Selma: Muitos foram para a política. Começaram a ter sensibilidade para isso. Eu sempre percebo bons profissionais também resultaram disso. Eles participaram, pelo que eu sei (porque muitos estão em outros lugares, não estão nem em Ponta Grossa)... Estão em outros lugares... São promotores... Normalmente, buscaram ser profissionais não só medianos, mas sempre ótimos. Então, eu percebi, assim, que acho que teve essa influência boa. Hoje, a gente vê assim. Todos eles são profissionais responsáveis com uma boa percepção da realidade social e política. Então, eu acho que foi, assim, bastante bom, nesse sentido, a influência da JUFRA.

Danila: Na JUFRA, os jovens que participavam, trabalhavam engajados em movimentos, coisas dentro da igreja e fora também... Como era?

Selma: Sim, porque já tinha a jufrinha, já tinha não sei o que, começou a dos adolescentes... E eles, normalmente, faziam parte. Aqui, a igreja, na época... A paróquia, melhor dizendo, do Bom Jesus tinha todas essas setores aqui do Paraíso [bairro de Ponta Grossa]. Tudo isso era atendido por aqui. Eu sei que os frades, assim chamamos, estudantes, junto com os jufristas, iam nessas... Iam, por exemplo, os jufristas da sua... Por exemplo, a JUFRA de Oficinas procurava estar inserida lá. Mesmo que a paróquia, às vezes, não fosse de franciscanos, procurava estar inserida na paróquia de lá, uns trabalhos assim. Sempre se orientava e se dizia dessa importância do jovem não pensar só entre ele, porque é gostoso o jovem viver só entre ele em si, mas que ele sempre pensasse mais amplamente na comunidade.

Danila: Nossa, então, era uma formação bem diferente de hoje...

Selma: Era uma formação bem crítica para a época. A igreja era bem..

Danila: Uhum.

Selma: São Francisco tinha essa visão. Ele dizia: “não”... Tanto assim que, quando Deus disse: “reconstrói essa igreja”, ele achou que tinha que a igreja da... De repente, ele falou: “não, é mais ampla a igreja”. A igreja é mais ampla, mais vasta né. Então, essa visão, a gente procurava sempre colocar um pouco disso.

Danila: A senhora se considera franciscana ainda...

Selma: Ainda hoje. Ainda hoje... Acho que sim, porque esse negócio, assim, da simplicidade. Você não precisa dizer que você é, que você estudou, que você ganha, que você tem. Acho que você ser... Você valorizar as pessoas, você sempre olhar quem

precisa mais, o excluído. E acho que isso [o fato de ser franciscana] somou com o serviço social, porque é uma profissão que chama para esse lado. A política, o partido que eu pertença, na sua essência é para ser isso, é para ser dos trabalhadores para os trabalhadores com os trabalhadores. Embora, alguns tenham desvirtuado isso. Mas a gente procurou ficar nisso.

Danila: A senhora, quando começou a fazer parte do partido, ele já existia aqui em Ponta Grossa ou a senhora ajudou também a formar?

Selma: O partido... Assim, ele já começou com o pessoal da universidade, Péricles e não sei o que. Ele começou com um grupo, na época, que tinha algumas coisas, assim, que eu achava meio estranhas. Por exemplo: não é para tomar banho. Aquelas coisas... Não para ligar muito para isso. Eu lembro, uma vez, que veio um professor, que nós tínhamos chamado, de fora. Tinha uma sala bonita no bloco b, acho. Tinham posto carpete. Era bonita. Era para assistir palestras de fora e tinha um pessoal que se dizia do partido que pôs o pé encima da mesa onde o professor estava. Eu achava... “Ah, eu não vou ser desse partido não”. Eu já tinha passado por um colégio [de freiras]... Já tinha toda uma outra formação. Depois da Pascoalização, que daí tinha um pessoal que foi, daí eu percebia que não, o partido não precisava ser assim. Por aquelas roupas de inverno no frio... Colocava uns gorros, uns negócios assim. Já era um pouco mais assim... Acho que eu já tinha pego todo um início civilizatório. Eu achava meio assim [estranho]... Tinha um dirigente aqui (não vou falar o nome, porque ele é conhecido na região)... Uma vez, eu lembro que foi na casa de uma amiga nossa, falou assim: “não, desliga esse som, que isso aí é alienação”. Eu falei: “Ê”. Eu sempre gostei de música. Não acho alienação nenhuma. Eu falei: “esse partido, acho, que não é comum não”. Tanto assim que eu não me filiei rápido não. Daí, quando eu comecei a conhecer o pessoal de fora que eram do partido, eu comecei a me aproximar aqui. Não fui uma das primeiras não... Eu percebi que tinha gente [diferente]... Tanto assim que nós éramos uma ala que chamavam a gente, jocosamente, de igrejeiros.

Danila: Por quê?

Selma: Por que eles achavam que a gente vinha da igreja e que vinha com uma visão muito de igreja. O Partido dos Trabalhados se formou... Tinha gente sem terra, gente dos sindicatos, com influência sindical, e vinha, principalmente, muitas lideranças religiosas da igreja. Então, nós éramos chamados assim... Mas a gente não ligava. Chamavam a gente de igrejeiros, porque a gente vinha dessa...

Danila: De uma formação mais religiosa...

Selma: É...

Danila: Das CEBs também...

Selma: Também...

Danila: A senhora chegou a participar das CEBs, alguma coisa assim, ou não?

Selma: Também. Aqui, em Ponta Grossa, ela nunca foi muito forte. Participei mais fora quando a gente estava participando da Pascoalização e quando, depois, fiz uma temporada no México, na Nicarágua... Então, a gente tinha mais essa...

Danila: Nessas viagens que a senhora fez, na época da Pascoalização, a senhora chegou a morar nesses lugares ou só foi e voltou?

Selma: Sempre era de ir e voltar. Ou ia em tempo de férias ou no final de semana quando era uma coisa mais rápida aqui no sul. Se não, era em tempo de férias. Férias da gente não era, assim, passear. Era participar de alguma coisa assim.

Danila: Que legal.

Selma: É tão bom né.

Danila: É...

Selma: É tão legal. Mas também eu viajei muito passando a noite em rodoviária. Por exemplo, a gente não tinha dinheiro para ir em hotel. A gente dormia num banco de rodoviária tranquilamente. Inclusive em Passo Fundo, que era frio. Nunca liguei para isso. Minha alma foi marcada pelo franciscanismo.

Danila: Verdade...

Selma: Nunca fui, assim, de exigências... Fico meio assim... Até me incomoda, um pouco, quando vejo o jovem que diz que está cansado por passar uma noite sem dormir à toa e, depois, no outro dia, ter que trabalhar. Se recupere ou durma umas horas. A gente não tinha essa preocupação de estar sempre numa cama bonitinho.

Danila: A família da senhora já era de origem católica ou a senhora...

Selma: Já eram da igreja católica.

Danila: Imigrantes alemães ou não?

Selma: Meu bisavô veio de lá. Como no sul tem cidades... Por exemplo, a minha cidade, quando eu era pequena, no comércio todo se falava alemão. Depois a gente aprendia o português. A gente aprendia o português, a gente dizia que falava brasileiro [risos].

Danila: [risos].

Selma: Era bem engraçado. Mas a gente foi aprendendo...

Danila: A família da senhora tinha costumes religiosos que trouxeram da Alemanha?

Selma: Tinha... Você aprendia as orações da noite. Você rezava de noite, rezava ao meio dia, rezava para ir comer... A gente fazia parte da cruzada. A gente fazia batizado, primeira comunhão. Esses rituais todos por parte da Cruzada e das Filhas de Maria. Sempre me vi participando de algum movimento. Tinha as orações para a criança, do jovem... Iniciação... Na época não era tanto a Bíblia que a gente lia. Tinha a história sagrada que era uma síntese...

Danila: Da Bíblia...

Selma: Da Bíblia... Não se conhecia muito a Bíblia. Sabia que existia e que era um livro intocado para a gente que não era iniciado.

Danila: A senhora teve alguém que influenciou... Bom, a senhora já contou que estudava na escola franciscana...

Selma: Eu estudava na escola das irmãs franciscanas...

Danila: Mas teve alguém que influenciou mais e que incentivou?

Selma: Eu acho que teve algumas irmãs. Essa irmã, com quem eu fiz primeiro ano... Eu não sabia nem o português, não sabia nem ler... Mas ninguém sabia falar português. Essa irmã chamava Geraldina, ela não sabia falar alemão e nós não sabíamos falar português. E ela nos alfabetizou.

Danila: Nossa...

Selma: Então, era uma pessoa assim, sabe? Ela não era, assim, de dar mole, mas a gente se comunicava, não sei como. Eu tinha primos que tinham casado com italianos, que só falavam italiano e a gente brincava junto. A gente sabia que eles falavam diferente. Eles falavam e a gente não entendia nada, mas a gente brincava junto. A gente foi marcado um pouco por isso. Sabíamos que tinha outras línguas... Outras pessoas falavam diferente, mas a gente teve tudo isso.

Danila: Desde criança convivendo com as diferenças.

Selma: É... Tinha uma irmã, que era a diretora do colégio, chamava irmã Liberata. Eu achava tão interessante, porque, na escola, ela falava de aula, de escola, de geografia e de não sei o que, mas, quando saía da missa, ela falava com os agricultores sobre como plantar isso e aquilo... Eu achava isso tão bacana. Eu falava: "ah, isso é bonito de fazer". Ela sabia de várias coisas. Essas influências marcaram a gente. Sabia não falar só uma coisa... Sabia ser mais diversa. Eu achava bacana ela fazer isso, uma coisa bonita. Na

escola, ela era a diretora. Ela sabia das coisas da escola. No fim da missa, o pessoal ali e se reunia. O pessoal não ia embora logo, fazia os grupinhos... Ela conversava com os homens e com as mulheres, falava de coisas variadas. Eu achava bonito isso.

Danila: Interessante... Não ficava restrito...

Selma: É, uhum...

Danila: A senhora me contou que questionava, às vezes, o Frei Eurico um pouco. No grupo todo, de uma maneira geral, havia, assim, embates com ele? “Ah, a gente quer fazer tal coisa”... E ele não deixava...

Selma: Alguns sim, outros não. A tendência era mais dos que trabalhavam, porque a gente tinha os que estudavam e trabalhavam fora, não era o pessoal liberado. Se bem, que tinha alguns dos liberados [aqueles que não trabalhavam] (não posso ser injusta com eles também) que questionavam. Até porque, estavam mais de perto.

Danila: Questionavam a organização? O tema de uma reunião? Como era?

Selma: Do que se discutia... Às vezes, fazia a reunião e se discutia. Ele dava essa liberdade. Só que na hora de fazer, às vezes, ele não achava muita graça... O pessoal dizia: “Não, espera aí. A gente está fazendo isso com os grupos e conosco”. Então, tinha um pouco disso, às vezes. Mas nada, assim... O conflito se administrava tranquilamente.

Danila: Hum... Entendi. Eu vi numa ata da JUFRA, acho que de 1972, se não me engano... 1980... Não me lembro a data agora. Havia alguns costumes de se reunir e de um dizer o que o outro fez. Havia isso...

Selma: O que o outro fez como...

Danila: De conversar em grupo... E se alguém, por exemplo, fez alguma coisa que o outro não gostou.... Havia essa liberdade de dizer e de falar nas dinâmicas do grupo?

Selma: Isso tinha nos colégios também... A gente chamava de revisões. Tinha semanais e mensais. E isso é uma coisa, assim, que, muitas vezes, não se faz mais. Isso se perdeu no caminho. Mas isso era costume nos colégios. Tinha nas formações, na cibernética tinha. Chamava-se de feedback. Revisão na Igreja e feedback no leigo. Isso se trabalha...

Danila: Como era a dinâmica das reuniões da JUFRA? Como funcionava?

Selma: Tinha as acolhidas. Normalmente, tinha a oração de começo. Às vezes, perguntava-se como é que foi a semana ou como é que foi da última reunião para cá: O que a gente cumpriu e o que não cumpriu? O que a gente tinha que retomar? O que tinha que aprofundar? Tinha isso. Quando tinha reuniões de planejamento, tinha reuniões de revisão. Tinha reuniões de vários tipos.

Danila: As formações eram no formato de palestra? Ia alguém para falar sobre um tema?

Selma: Sim, as formações eram no formato de palestra. Sempre tinha assim: tinha um tema, depois tinha grupos. Nos grupos se conversava. Tinha os feedbacks, tinham as perguntas, tinham as respostas, depois tinham as plenárias. Essas coisas, assim, de alguém palestrar e o resto ficar quieto, eu nunca agüentei e acho que nunca existiu na JUFRA, felizmente. Não! A dinâmica era sempre assim: tinha uma introdução de apresentação, quando era um grupo novo, ou acolhida, alguma coisa assim... Alguém preparava, era o recepcionista. Ah, tinha lideranças. Tinha os recepcionistas, quem secretariava, quem cronometrasses, tinha todas essas questões. Tinha toda uma dinâmica. Aí tinha a palestra e, depois, tinha as perguntas... Primeiro, tinha grupos e o pessoal dizia o que tinha achado e fazia perguntas. Depois, voltava para a plenária. Tinha sempre isso. Isso era tão normal que a gente até esquece de falar. Era bem essa a dinâmica.

Danila: É... Nessa mesma ata, eu vi que tem anotado: “um recepcionista...”

Selma: Recreador...

Danila: Então, cada um tinha uma função...

Selma: Sim, tinha várias lideranças...

Danila: Mudava nas reuniões ou eram sempre os mesmos que ficavam?

Selma: Não, sempre eram os mesmos. Você já preparava, antes de fazer a próxima reunião e antes de terminar a reunião, tinha o planejamento para a próxima reunião. Aí, já tinha quem ia coordenar, quem ia ser recepcionista e a gente, voluntariamente, se [colocava a disposição para a tarefa]...

Danila: Cada um podia se...

Selma: Não, não era sempre a mesma coordenação. Era sempre rotativo. Nisso aprende a liderança...

Danila: Ah, legal... Então, era uma coisa...

Selma: O recepcionista fazia parte tanto nas dinâmicas da JUFRA, da Pascoalização, no serviço social e na cibernética mais ainda...

Danila: Então, não tinha uma coordenação que estava sempre ali. Estavam todos...

Selma: Não, era rotativo...

Danila: Todo mundo fazia parte de tudo e ajudava.

Selma: Era rotativo. O Frei Eurico não era sempre palestrante também. Às vezes, sentava no fundo da sala e ficava escutando.

Danila: Ah, legal. Então, nem sempre ele falava... Mas, ele falava em alguns momentos.

Selma: Sim, em alguns momentos, sempre ele dava os pitacos dele. Mas isso em todos os... Quando a gente ia à Céu Azul, por exemplo, eu ia com outro estudante, ou outra menina. A gente era os coordenadores. A gente era responsável pelas palestras. Às vezes, a gente convidava um frei da região ou de não sei o que... Se tivesse [um frei no lugar], a gente valorizava o pessoal da região... Nem todas as palestras eram da gente e quando eles começavam a se preparar... Nos locais também, eles começavam a se preparar para fazer as palestras. Por isso, o Eurico tinha uma preocupação muito grande de manter e fazer por escrito as coisas, escrever... Será que está chovendo? Acho que não está chovendo... Estamos terminando né?

Danila: Uhum... Então, ele tinha essa preocupação de fazer as coisas por escrito para ter para os outros...

Selma: Para ter liderança, não ser sempre ele, não ser sempre quem viesse de Ponta Grossa e para ter novos coordenadores, animadores que chamavam na época.

Danila: Tinham certa autonomia...

Selma: O animador era o que... Tinha o coordenador de grupo que abria o grupo e dava a palavra, passava para as várias lideranças. E tinha o animador que, no momento, era o palestrante, a gente chamava de palestrante, que fazia a preleção, fazia a exposição do grupo. O coordenador dava a palavra e escutava as inscrições. O recreador, certa hora, determinava quem ia receber a palavra. O recepcionista, uma hora... Não sei o que... O cara do feedback recebia a palavra e conduzia a revisão, no feedback. Dizia: “não, naquele momento lá, você não foi muito explícito...” “Querida que você retornasse...” “A sua fala...” A gente se dizia isso. Então, a gente tinha toda essa formação. “Olha, a sua voz, num determinado momento, você pode melhorar isso, essa tonalidade”. “A sua postura”.

Danila: Hum, que legal.

Selma: “O seu gesticular”. “Eu não gostei da sua forma de expor, você poderia ser mais claro, mais didático”. Tinha uns feedbacks assim.

Danila: Que legal.

Selma: Bem legal.

Danila: Interessante.

Selma: Então, acostumou tanto com isso que a gente pensa que faz parte.

Danila: É... [risos]. Mais alguma coisa? Eu acho que o que eu não perguntei a senhora lembrou...

Selma: Acho que não tem mais... Acho que é isso, mais ou menos... Você tem outras pessoas? É interessante procurar outras pessoas em Ponta Grossa que fizeram parte dessa caminhada. A Marcela era dos grupos e era de Uvaranas. Tinha essa de Oficinas... O Laerce também era de Uvaranas... Acho que era de Uvaranas. É... Vou te dar o telefone do Laerce.